

O 1º Esquadrão de Reconhecimento da Força Expedicionária Brasileira segundo o IV Corpo de Exército dos Estados Unidos (1945)

The 1st Reconnaissance Squadron of the Brazilian Expeditionary Force According to the U.S. IV Corps (1945)

Dennison de Oliveira

Professor Sênior do Mestrado Profissional em Ensino de História da UFPR. Bacharel e Licenciado em História (UFPR, 1987), Mestre em Ciência Política (UNICAMP, 1990), Doutor em Ciências Humanas (UNICAMP, 1995), realizou estágios de pós-doutorado em Estudos Estratégicos (UFF, 2014) e História (UFRJ, 2021).

Resumo: O 1º Esquadrão de Reconhecimento (ER) da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Campanha da Itália (1944/45), foi a única unidade do Exército Brasileiro do seu tipo a atuar e combater naquele conflito. Uma recente pesquisa nos acervos do IV Corpo de Exército dos Estados Unidos depositados no National Archives and Records Administration II (NARA II) em Maryland (EUA) revelou a existência do Relatório final do Coronel Donaldson Júnior, presidente do Comitê das Forças de Terra do Exército dos Estados Unidos, também membro do grupo de observadores de forças blindadas e de cavalaria. O relatório foi elaborado na Itália sob os auspícios do IV Corpo de Exército poucos dias após o fim da guerra e enviado ao Comandante Geral das Forças de Terra do Exército dos EUA em Washington. Este documento ajuda a lançar novas luzes sobre a forma pela qual o 1º. ER/FEB operava e combatia.

Palavras-chave: FEB; Campanha da Itália; 2ª Guerra Mundial

Abstract: The 1st Reconnaissance Squadron (RS) of the Brazilian Expeditionary Force (FEB) in the Italian Campaign (1944/45) was the only unit of its kind in the Brazilian Army to operate and fight in that conflict. Recent research in the archives of the IV Corps of the United States Army deposited at the National Archives and Records Administration II (NARA II) in Maryland (USA) revealed the existence of the final report of Colonel Donaldson Jr., chairman of the United States Army Land Forces Committee, and also a member of the armored and cavalry forces observer group. The report was prepared in Italy under the auspices of the IV Corps a few days after the end of the war and sent to the Commanding General of the US Army Land Forces in Washington. This document helps to shed new light on how the 1st RS/FEB operated and fought.

Keywords: FEB; Italian Campaign; World War II

Introdução

O 1º Esquadrão de Reconhecimento (ER) da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Campanha da Itália (1944/45), travada no decorrer da Segunda Guerra Mundial, foi a única unidade do Exército Brasileiro do seu tipo a atuar e combater naquele conflito. As fontes sobre a unidade são escassas, limitando nosso conhecimento sobre diferentes aspectos da história operacional e da experiência de combate da unidade. Uma recente pesquisa nos acervos do IV Corpo de Exército dos Estados Unidos depositados no National Archives and Records Administration II (NARA II) em Maryland (EUA) pode ajudar a lançar novas luzes sobre a forma pela qual a unidade operava e combatia.

A história do ER é, em linhas gerais, bem conhecida. No organograma da Divisão de Infantaria do padrão estadunidense, ao qual se submeteu a FEB, sua função era executar tarefas de reconhecimento. Desta forma, a unidade se destinava a atuar sempre muito a frente do corpo principal da Divisão, empregando veículos motorizados e blindados. Contudo, seu tempo de serviço em ação na linha de frente na Campanha da Itália foi ocupado principalmente por missões exercidas a pé (ou “desmontados” no jargão dos cavalarianos). Somente nos últimos dias da guerra é que predominou o emprego de seus veículos (“montados”).

Trata-se de uma situação paradoxal, face ao grau de motorização da unidade: quase um veículo para cada quatro militares. Seus 180 homens se dividiam em 5 pelotões: três Pelotões de Reconhecimento, um Pelotão de Comando e um Pelotão de Administração. Eles contavam com 46 veículos: 24 jipes, 5 meia-lagartas M3, 15 M8 *Greyhound*, 2 caminhões e 7 reboques.

Embora os jipes transportassem morteiros de calibre 60mm, metralhadoras de calibre .30 pol. e .50 pol. ou bazucas, o poder de choque do ER residia em seus blindados leves de reconhecimento M8 *Greyhound*. Tais veículos blindados de seis rodas levavam quatro tripulantes, somando 60 militares. O M8 era o único veículo capaz de destruir blindados inimigos, uma vez que era armado com uma torre com canhão, no caso, de 37mm de calibre. Os jipes e meias-lagartas armados com metralhadoras poderiam usá-las embarcadas ou desmontadas, tanto contra aeronaves como contra alvos em terra. As guarnições dos jipes armados com morteiros e bazucas tinham que desembarcar dos veículos para posicionar e disparar tais armas.

O contexto em que a maioria desses veículos entrou em ação estava longe de ser favorável ao seu emprego. A partir de dezembro de 1944 quase todas as unidades desses carros passaram a atuar desmontados, destinados a atuar como infantaria a pé. No decorrer da guerra, de fato, os tripulantes de M8 chegaram a atuar desmontados quase o dobro do tempo em que estiveram montados. As condições climáticas da estação invernal europeia gerando muito gelo e lama, também não favoreciam o uso de viaturas sobre rodas. Na maioria dos casos, apenas veículos sobre lagartas podiam passar pelas estradas sem atolar facilmente.

Essa situação, altamente desfavorável ao emprego dos carros de reconhecimento M8, perdurou no front europeu entre outubro de 1944 até pelo menos fevereiro de 1945. No front italiano, dominado por uma guerra de montanhas de caráter posicional, travada na Cordilheira dos Apeninos, os membros do ER também atuaram como infantaria comum a maior parte do tempo.

Um dos desafios colocados ao pesquisador da história da unidade diz respeito a escassez de fontes. Uma das poucas fontes disponíveis é o relatório oficial de seu comandante, encaminhado no imediato pós-guerra ao comando da FEB. Tal documento se constitui em uma

útil história operacional da unidade, embora demasiado sucinto em todos os aspectos, particularmente no que diz respeito a atuação da unidade como Esquadrão de Reconhecimento montado na fase final da guerra (PITALUGA, 1945).

Além deste importante documento também se encontram disponíveis para consulta as memórias de dois dos membros do Esquadrão: do comandante, o então Capitão Plínio Pitaluga; e do oficial de comunicações o Tenente Sólon Rodrigues D'Ávila. Ambos os relatos são extremamente reveladores das circunstâncias em que a unidade foi formada, treinada e empregada em combate. Contudo, em ambos os casos se trata de depoimentos de oficiais de carreira do Exército Brasileiro. Inexistem memórias publicadas de praças do ER, o que permitiria contemplar outros pontos de vista, provavelmente mais próximos da realidade do combate de blindados e da rotina organizacional da unidade.

Recentemente foi divulgada a existência de um Relatório dos Sargentos do 1º Esquadrão de Reconhecimento que poderia suprir tais lacunas. Contudo, na obra em que é citado tal documento (QUINTINO, 2020) não se percebe em que seu conteúdo possa acrescentar ao nosso conhecimento. Tampouco foi informado o acervo a que pertence o documento e meios de acesso a tal fonte. Permanece, pois, restrito o número de fontes primárias sobre o ER a que o historiador pode recorrer.

Esta é a importância da descoberta, no decorrer de pesquisa recentemente realizada nos acervos do IV Corpo de Exército Estadunidense depositados no National Archives and Records Administration II (NARA II) em Maryland, do Relatório final do Coronel Donaldson Júnior, presidente do Comitê das Forças de Terra do Exército dos Estados Unidos, também membro do grupo de observadores de forças blindadas e de cavalaria. O relatório foi elaborado na Itália sob os auspícios do IV Corpo de Exército poucos dias após o fim da guerra e enviado ao Comandante Geral das Forças de Terra do Exército dos EUA em Washington.

A missão do Coronel Donaldson Júnior era fornecer e relatar informações factuais sobre o treinamento, organização, equipamento, métodos de combate e suprimento de diferentes unidades, com particular atenção para as questões afetas a sua área de especialidade: cavalaria e blindados. Ele se assumiu o cargo como membro do Conselho de Observadores das Forças de Terra do Exército em 25/01/1945 substituindo o coronel Charles Calleri, se dedicando a tais tarefas desde então e até maio daquele ano (DONALDSON JR. 19445a: 2).

As unidades a serem examinadas por ele eram de dois tipos: de cavalaria e blindadas. Entre as unidades de cavalaria se encontravam o Esquadrão de Reconhecimento da Primeira Divisão de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira. Trata-se, pois, de fonte relevante para a história do ER.

O 1º Esquadrão de Reconhecimento e o IV Exército

Em seu texto o Coronel Donaldson Júnior faz uma breve retrospectiva da ação destas tropas no Teatro de Operações do Mediterrâneo durante a Campanha da Itália. O documento confirma que os esquadrões de cavalaria blindada, durante a guerra de posição na Campanha dos Apeninos (1944-1945), geralmente foram designados para ocupar setores na linha de frente atuando como infantaria comum, isto é, desmontados. Na vigência de tal situação tática os esquadrões renunciavam à maior parte de seu poder de fogo e condições de mobilidade possibilitada pelos seus veículos (DONALDSON JR. 19445a: 3).

Essas unidades desempenharam um papel puramente desmontado e, desta forma estavam aptas a periodicamente aliviar o fardo das demais unidades de infantaria em serviço na linha de frente. O observador nota que o treinamento recebido para esta função foi excelente e consistia no estabelecimento e operação de postos de observação e patrulha desmontada, principalmente à noite, além de incursões. Essas operações eram frequentemente apoiadas pelo fogo das armas pesadas do esquadrão.

O texto compara o emprego montado e desmontado, descrevendo que durante o mês de setembro de 1944 a tropa foi usada montada para proceder movimentos blindados na região de Camaione. Já em novembro a tropa também montada foi usada para manter posições defensivas a leste de Abetia. Finalmente, durante o avanço da divisão para o norte e oeste durante abril de 1945 a tropa montada foi usada em reconhecimento e combate protegendo o movimento da divisão brasileira. Já entre novembro e dezembro de 1944 a tropa pousada foi empregada desmontada para manter um setor defensivo na parte nordeste da elevação de Bombiana por várias semanas (DONALDSON JR. 1945b: 5).

Segundo o autor, mais tarde, na Ofensiva de Primavera iniciada em 14/04/1945 que desembocou no Vale do Rio Pó, os esquadrões de cavalaria foram usados com grande vantagem em sua missão principal. Em adição à sua conhecida grande mobilidade em estradas, eles revelaram também possuir suficiente poder de fogo. Tratava-se de uma situação extremamente fluida, caracterizada pela perseguição ao inimigo em retirada, que os fez particularmente úteis em tarefas de combate e em quase todos outros tipos de missão.

O texto relata que a guerra de movimento foi retomada quando fontes de inteligência começaram a suspeitar que o inimigo havia abandonado a região compreendida pelas colinas a Noroeste de Montese. Foi nesse momento que a tropa de reconhecimento foi despachada ao longo das rodovias para oeste para verificar a veracidade da informação e restabelecer contato com o inimigo (DONALDSON JR., 1945: 4). Contudo, a missão em sua forma motorizada (“montados”) não durou muito. Devido à presença de extensos campos minados e à falta de apoio aproximado da engenharia, os carros blindados M8 logo foram deixados para trás. Em seguida, até mesmo os jipes foram detidos por terreno intranspassável, sendo necessário abandoná-los e seguir a pé (“desmontados”).

Provavelmente apelando à documentação já em poder do V Exército o autor relata que quando a FEB começou um movimento para o norte, operando a leste do Rio Panaro a tropa de reconhecimento operava no flanco oeste do 894º. Batalhão de Destruidores de Tanques do Exército dos EUA e já precedia os batalhões de infantaria da FEB.

É notável no texto o reconhecimento da determinação da tropa blindada brasileira cumprir sua missão. No texto o autor descreve que o ER alcançou seus objetivos nas cidades de Marano, Sassuolo, San Polo D’Enza, Langhirano, Panocchio e Parma, superadas em rápida sucessão. Uma vez mais os brasileiros usaram da mesma abordagem: abandonar os veículos incapazes de passar pelas demolições e continuar até mesmo a pé se necessário. Desta forma, constata, a tropa permaneceu bem adiante dos demais elementos da FEB. A dianteira estabelecida foi de 24 a 36 horas à frente do resto da Divisão.

Infelizmente as informações sobre a ação de combate subsequente são mínimas. Contudo, o texto refere que quando as forças inimigas foram contatadas em Collecchio e, mais tarde, quando a 148ª Divisão de Infantaria alemã foi contatada em Medesano, Felegara e Santo André os veículos blindados assumiram uma diversidade de funções: mantiveram pontos de

bloqueio, combateram as tentativas do inimigo de romper o cerco na área e apoiaram unidades de infantaria para forçar a rendição de forças inimigas (DONALDSON JR., 1945: 5)

Surpreendentemente, o autor tece diversas considerações sobre a cavalaria a cavalo, considerada historicamente superada antes mesmo da guerra começar. Para ele, uma das constatações mais notáveis da Campanha Italiana foi justamente a falta de uma cavalaria a cavalo. Segundo o autor, esse teatro de operações com suas montanhas íngremes, rios, canais e muitos obstáculos atuando contra veículos motorizados e blindados teria sido o ideal para o uso da cavalaria montada a cavalo. Tal recurso poderia ter dado assistência insubstituível para infantaria e blindados no avanço através da Itália, no contexto da perseguição que se seguiu a ruptura das linhas inimigas. (DONALDSON JR., 1945a: 3)

Ele toma como referência para suas alegações a única unidade de cavalaria a cavalo que foi efetivamente usada na ofensiva do Vale do Rio Pó, a cargo da 10ª. Divisão de Montanha do Exército dos EUA. A tropa de reconhecimento montada dessa Divisão de Montanha recebeu seus cavalos somente cinco dias antes da ofensiva começar. Consequentemente, o treinamento recebido não poderia ser, segundo ele, considerado de primeira classe. Apesar desse fato o comandante da divisão usou essa tropa ao máximo e ela foi empregada para a travessia do Rio Pó a nado, onde não havia outros meios disponíveis para a travessia.

Baseada nessa experiência o observador chega a uma conclusão surpreendente. Segundo a observação pessoal do autor uma divisão de cavalaria a cavalo poderia ter encurtado a campanha, reduzido o número de baixas consideravelmente e assistido materialmente outras unidades aliadas.

Superadas essas considerações de ordem geral sobre a campanha o documento passa a relatar as condições de unidades específicas que foram objeto da observação. Do maior interesse são suas considerações sobre a FEB. Ele nota que a Primeira Divisão de Infantaria era composta inteiramente de pessoal brasileiro e foi enviada para o teatro italiano como uma Força Expedicionária (DONALDSON JR., 1945a: 6).

Para o autor, a FEB foi organizada e equipada pelos Estados Unidos exatamente da mesma maneira que qualquer outra de suas próprias divisões. O texto não leva em consideração as dificuldades constatadas no fornecimento do armamento estadunidense para os brasileiros. A seu favor deve ser notado que, pelo menos no que se refere ao equipamento e armamento do Esquadrão de Reconhecimento brasileiro, em sua maior parte não se verificaram tais dificuldades. De fato, o ER recebeu para treinamento vários exemplares dos veículos que iria usar em combate já no Brasil e, mais tarde, a dotação completa também na Itália.

Existe um aspecto no documento que destaca a Divisão Brasileira das demais, referente ao seu efetivo. O pessoal da 1ª. Divisão de Infantaria Expedicionária excedia a das divisões dos EUA e, durante as operações, os repletamentos somaram mais de 5.000 homens, os quais foram incorporados depois da chegada dos elementos de combate da Divisão no teatro de operações entre dezembro de 1944 e janeiro de 1945.

Continuando sua narrativa, ele nota que o Quinto Exército designou essa divisão para o Quarto Corpo. Foi imediatamente notado naquela época que o treinamento dos brasileiros não estava à altura dos padrões dos estadunidenses e isso por uma larga margem. As informações a esse respeito são esparsas. Mas sabemos que o Exército recebeu para treinamento cinco desses carros no Brasil e mais 15 em 1944 já na Itália, todos pintados do verde oliva do Exército

estadunidense. Na maioria dos casos, cabia pintar nesses veículos o símbolo do Exército do Brasil, o Cruzeiro do Sul estilizado.

Segundo o relatório, para sanar o problema o comandante do Quarto Corpo, Major General Crittemberger, iniciou um eficiente programa de treinamento, colocando a divisão brasileira ao lado da 10ª. Divisão de Montanha (10ª. DMth), a qual eles aprenderam a admirar e a seguir como exemplo (DONALDSON JR., 1945a: 6).

Objetivamente a sequência factual de eventos contida no documento não capta toda complexidade do contexto histórico, nem parece ter sido esse seu objetivo, focado estritamente no exame das unidades blindadas e de cavalaria. O eficiente programa de treinamento referido tomou lugar logo depois do desastroso 3º. ataque da FEB ao Monte Castello em 12/12/1944 e se estendeu até as vésperas da Operação Encore (20/02/1945-03/03/1945) e, de fato, provou sua eficácia.

No decorrer da Operação Encore, com efeito, a ação da 10ª. DMth foi de grande inspiração para os combatentes brasileiros. Mas, ao final desta operação a FEB, do ponto de vista profissional, já tinha se nivelado à altura daquela divisão estadunidense. Daí a recomendação do comando do V Exército que, dali em diante, ambas divisões fossem empregadas conjuntamente. De fato, este foi o arranjo estratégico estabelecido para a Ofensiva de Primavera, iniciada em 14/04/1945.

Outras sutilezas do documento se referem a relação do comando estadunidense com o brasileiro. O General Crittemberger é elogiado no documento por manter o mais cordial relacionamento com os brasileiros, gradualmente construindo a confiança e a eficiência em combate da FEB de tal forma que, ao fim da campanha, a unidade desempenhou um papel importante, coroando seu sucesso ao forçar a rendição da 148ª Divisão de Infantaria alemã nos combates de Collecchio e Fornovo. Objetivamente, o documento ignora os atritos constantes e por vezes intensos do comandante do IV Corpo de Exército dos EUA com o comando da 1ª. DIE. O fato da pesquisa ter sido realizada sob os auspícios do IV Corpo de Exército dos EUA pode ter algo a ver com isso.

Ainda no que se refere a considerações de ordem geral, o texto tece comentários sobre a organização do quadro de pessoal do Esquadrão de Reconhecimento. Ele notou uma necessidade evidente de mais fuzileiros para as tropas de cavalaria mecanizadas. Em algum grau parece haver aqui a intuição de tornar o efetivo dos Esquadrões de Cavalaria mais próximos daqueles dos grupos de combate da Infantaria Blindada. Tais grupos de combate eram unidades de infantaria mecanizada, montadas em veículos de meia-lagarta, destinadas a combater em conjunto com unidades blindadas. O Esquadrão de Cavalaria da FEB dispunha de cinco veículos desse tipo.

Outra constatação importante do documento se refere à coordenação das unidades de tanques e de infantaria. No que se refere aos brasileiros, ocorreram dificuldades constantes na atuação conjunta com os tanques estadunidenses. Mas, mesmo unidades exclusivamente dos EUA, passavam por problemas de coordenação, em se tratando da ação conjunta de blindados e infantes. Percebendo as limitações da improvisação da atuação conjunta, o documento também propôs que as unidades de tanques e destruidores de tanques em nível de batalhão se tornassem orgânicas das divisões de infantaria. (DONALDSON JR., 1945a: 4)

Tendo encerrado os comentários de ordem mais geral, cabe examinar o Esquadrão de Reconhecimento como objeto do relatório. As informações colhidas foram obtidas junto ao Brazilian Liaison Dettachment e diretamente junto aos brasileiros.

A primeira impressão do autor é que o ER dispunha de abundância de armas e equipamentos, em relação ao pessoal disponível para manutenção e operação. Não havia pessoal suficiente para reparar as armas e exercer as tarefas usuais da tropa de reconhecimento. Segundo o documento a tropa estava pesadamente guarnecida de armas e equipamentos excedendo as possibilidades de uso e manutenção própria por parte do pessoal designado.

Dentre as recomendações citadas no relatório se encontram aquelas relativas ao efetivo para a tropa de reconhecimento. Ele recomenda que devem ser incorporados mais 7 soldados para cada pelotão, notando que os veículos disponíveis podem carregar 36 pessoas embora levassem apenas 29. Ao fazer tal sugestão o autor, certamente, estava incluindo os caminhões pertencentes à unidade. Afinal, cada pelotão de combate do ER era formado por 3 M8 e 6 jipes, 3 dos quais equipados com metralhadoras ponto 30 e 3 equipados com morteiros de 60 mm (PAULA, 2020). Não parece prático que todo pessoal adicional proposto fosse transportado apenas nos jipes.

Segundo o documento, esses homens adicionais poderiam ajudar os atiradores das metralhadoras leves e dos morteiros de 60 mm. Também foi sugerida a troca do armamento pessoal deles por armas mais pesadas. Segundo o autor, se esses homens fossem armados com fuzis poderiam ter um alcance de fogo muito maior em comparação com o das suas submetralhadoras, então em uso. A troca também permitiria a escolta desmontada, quando os veículos estão parados, que poderia ser realizada sem remover as metralhadoras montadas nos veículos. Também deveria haver um cabo em cada caminhão como comandante do veículo. Esse pessoal adicional poderia se constituir em reforços de pessoal adicional para cada arma dos veículos. Essas tropas deveriam ter um destacamento com um oficial e 5 homens para prover assistência.

Sempre está sendo enfatizado neste relatório o fato de que o Esquadrão de Reconhecimento é uma unidade que opera a grande distância do comando e, portanto, carece de maior autonomia em vários aspectos. Ele sugere que seja designado para a unidade um oficial adicional, o qual já tenha sido treinado em informações. Este oficial deveria ficar em contato constante com o responsável pela Seção de Informações da Divisão, podendo analisar e processar os dados de forma rápida e objetiva.

Ele recomenda também pessoal adicional para a sessão de remuniamento, na forma de mais um sargento e mais um soldado, para operar e auxiliar o já existente sargento dos suprimentos. Uma melhoria no pessoal do fornecimento de munição era considerada necessária, uma vez que da forma que estava sendo usada não era tida como satisfatória, devido ao fato de que nesta tarefa estavam sendo usados recompletamentos, enquanto o trabalho do pessoal de suprimentos é técnico por definição. No que se refere à manutenção o pessoal disponível era considerado satisfatório, desde que fosse adequadamente treinado para dar conta das armas, veículos e equipamentos de comunicação. (DONALDSON JR., 1945b: 2)

A recuperação e evacuação de equipamento no campo de batalha também foi examinada. Para o autor ainda levava muito tempo para ocorrer a recuperação a evacuação de equipamento atingido pelo inimigo. Trata-se de considerações que não aparentam ter muita base empírica, uma vez que o ER perdeu apenas um veículo como resultado da ação inimiga.

Outro aspecto do texto se refere a evacuação de baixas. O autor nota que não há unidades médicas na tropa de reconhecimento. Assim, devido à natureza do seu trabalho, uma longa espera é necessária antes que o cuidado inicial possa ser ministrado ao pessoal ferido. Por essa razão uma equipe de assistência médica é solicitada no texto. Tal equipe se constituiria de um oficial médico e dois auxiliares técnicos para cada Pelotão. (DONALDSON JR., 1945b: 1)

Um comentário pertinente é feito com relação a organização dos prisioneiros. Para ele caberia a Seção de Informações no Quartel General da Divisão dar assistência especializada nos contatos iniciais com os inimigos capturados pelo ER e assegurar a obtenção de informação atualizada. Também poderia ser possível assegurar um tratamento satisfatório dos prisioneiros desde que eles fossem imediatamente entregues às unidades de infantaria mais próximas do local de ação do ER.

Os comentários aparentemente ignoram a experiência direta do ER com prisioneiros. No dia 28 de abril de 1945 o Pelotão do ER comandado por Pitaluga chegou a Felegara. Ali o Esquadrão fez a primeira grande leva de prisioneiros aceitando a rendição de 800 alemães e forçando outros 120 a fazerem o mesmo. O episódio é referido de passagem no relatório oficial da unidade e não constata nenhuma dificuldade no trato com os prisioneiros (OLIVEIRA, 2015: 104).

No que se refere as armas, são consideradas como inteiramente satisfatórias, exceto pelo fato que um ou mais homens em cada sessão de reconhecimento deveria estar armado com um Fuzil Automático Browning (BAR) ao invés de uma submetralhadora. Segundo o texto tais armas não pareciam ser dotadas de alcance suficiente. (DONALDSON JR., 1945b: 3)

Os morteiros de 60 mm em número de três por Pelotão, não tinham um observador para controlar o fogo nem suficiente pessoal para carregar munição. O autor nota que quando tais armas eram tiradas dos veículos, a tropa na prática deixava um dos morteiros de 60 mm para trás. Isso liberou pessoal de morteiro adicional sendo então destinado a usar bazuca, o que foi de grande valor em complementar os 2 morteiros 60 mm remanescentes. Trata-se de observação que vai de encontro com a experiência acumulada pelo ER em combate real em que teria ocorrido a troca de todos os morteiros por bazucas, como se viu no Combate de Collecchio:

Paradoxal como possa parecer, com efeito, o Esquadrão de Cavalaria também teve que atuar em tarefas de limpeza, de ocupação mesmo de áreas urbanas, embora tal papel fosse completamente antagônico à sua finalidade tática original. Seus elementos desmontados, isto é, pessoal de apoio que se encontrava à disposição do comando do Esquadrão e que seguia em jipes e viaturas de meia-lagarta, tomaram posições em torno da localidade e, na impossibilidade de atirarem com morteiros como deveriam, faziam fogo com lança-rojões, as famosas *bazookas*, contra alvos inimigos previamente identificados pelos carros. Tal atitude não condizia com as regras de engajamento em combate previstas para o Esquadrão, mas fazia totalmente sentido à luz da experiência, extensa e relevante, que já haviam acumulado como infantes, durante todo sofrido e doloroso período de serviço na guerra de montanhas dos Apeninos (OLIVEIRA, 2015: 154).

Outro item de interesse para a história do ER diz respeito à avaliação do carro blindado M8. Segundo o autor o carro blindado m 8 foi muito bom na última fase operacional. Mas

sempre que foi necessário se mover por terreno acidentado ele foi considerado muito pesado. Suas vantagens eram ser silencioso, veloz em estradas, com suficiente poder de fogo. Mas era grande demais para seguir os jipes ao longo de estreitas trilhas e não tinha suficiente potência para terreno acidentado. Provavelmente o autor levou em conta a experiência da perda de um dos M8 do ER ao sugerir que esse veículo deveria ter um extintor de incêndio interno no compartimento de motor. (DONALDSON JR., 1945b: 3)

Se refere às comunicações o texto avalia que os rádios funcionaram bem. Contudo, em muitas situações, os fios poderiam ser usados por razões de segurança e de manutenção. Ele sugere que sejam fornecidos a cada Esquadrão aproximadamente 15 km de fio com 7 telefones, bem como um trailer de um quarto de toneladas para levar esta carga. Foi recomendado que o pessoal do comando poderia ser treinado para colocar e instalar redes de comunicação com fios. Novamente o autor parece se referir à experiência direta do ER com o problema, incorporando-a aos procedimentos a serem recomendados. Como lembra Sólón:

...apesar da fatura do material de comunicações distribuído pelos norte-americanos, sentimos, durante as operações, uma carência... A primeira posição que ocupamos, na região de Colina, era imensa; um Pelotão para cá, um Pelotão para lá, outro para acolá. Aí chegou o Capitão Pitaluga e me cobrou: “Escuta Solon, como é que vamos nos ligar com os nossos pelotões?” A dotação de material do Esquadrão não previa, pela doutrina norte-americana, comunicação telefônica. A mobilidade da unidade de reconhecimento exigia o emprego exclusivo do rádio. Mas como é que nós faríamos as ligações do Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado, empenhado como tropa de Infantaria, em uma larga frente? Como nos ligarmos com o nosso pessoal? Fiz o seguinte: peguei uma viatura e fui a Pisa falar com o Chefe do Serviço de Comunicações, Major Arnaldo Augusto da Matta...expliquei a ele que o Esquadrão estava sendo empregado como Infantaria e necessitava de telefone. Argumentei que quando chegávamos em um local logo aparecia o pessoal da Seção de Transmissão do escalão superior com telefone e isso funcionava muito bem. Nós tínhamos telefone para a retaguarda, mas não havia como falar para a frente, com os nossos pelotões. Durante essa parte do inverno, os rádios permaneciam em silêncio; ninguém podia falar através deles porque certamente seria ouvido pelo inimigo que poderia, além de conhecer o texto das mensagens, localizar o aparelho transmissor. Eu consegui telefones, várias bobinas e o restante do material para garantir as ligações com fio. Reuni meu pessoal, dei umas aulas e liguei os três pelotões com o Esquadrão. Como não tinha central, convencionei: uma chamada é o Primeiro Pelotão, duas é o Segundo, três é o Terceiro. A partir dali nunca mais larguei o telefone. Era uma das coisas mais importantes que havia nas transmissões da Unidade. Vínhamos lançando os fios pelo chão, não havia poste nem nada. (D’ÁVILA, 2001: 26)

Estranhamente o texto se refere de forma negativa ao acúmulo de munição pelo ER. Para ele a carga básica de munição é excessiva, não sendo necessário que a tropa de reconhecimento, que não é fundamentalmente uma organização de combate, suportasse esse sobrecarregamento de munição.

Resumindo em parte suas recomendações, o texto estabelece que: se recomenda a troca de submetralhadoras por fuzis automáticos; diminuição do número de morteiros de 60 mm; diminuição da carga básica de munição; aumento no total de fogos de sinalização; inclusão de 15 km de cabos e 7 telefones; a guarnição de morteiros 60 mm devem incluir granadas para

ajuste de fogo; incluir detector de minas para cada pelotão; oferecer equipamento de engenharia adicional para transposição de obstáculos.

A última página do documento é reservada para listar providências requeridas em três diferentes itens: lições aprendidas e tendências futuras; mudanças na doutrina; e, treinamento.

No que se refere ao primeiro item foi expressa a advertência de que a tropa de reconhecimento não deve ser usada em situações estáticas como se fosse infantaria por mais de uma semana. Tal se deve ao fato de que ela não pode manter a tremenda quantidade de equipamento pela qual é responsável e, ao mesmo tempo, dar descanso apropriado para os seus membros. Era preciso reconhecer o caráter limitado da quantidade de pessoal alocado na unidade.

Outra lição se refere à coordenação do ER com as unidades de infantaria que são, de fato, as verdadeiras responsáveis por ocupar e manter o terreno. O texto recomenda a prontidão operacional conjunta sempre que a tropa for ordenada estabelecer contato com o inimigo. A recomendação é a de que uma unidade de infantaria tem que estar alerta e prontamente motorizada para se deslocar a fim de substituir a tropa de reconhecimento assim que fizer contato com o inimigo. Tais reforços tem que manter as posições alcançadas e liberar a tropa de reconhecimento para flanquear o inimigo (DONALDSON JR., 1945b: 6)

Finalmente, são tecidas considerações sobre as necessidades de treinamento. O texto enfatiza que a tropa de reconhecimento tinha falta de treinamento suficiente nos veículos e armas antes da sua chegada ao Teatro de Operações. Tal situação se deveu à falta de tempo e de material para treinamento. Por isso, conclui, o treinamento dessa unidade não se compara a unidades similares. Embora nenhum treinamento fosse requerido, uma vez que a guerra havia acabado na Europa naquele mês, ainda assim se sugere que seja oferecido treinamento adicional para o ER nos temas da orientação no terreno e nos métodos e táticas inimigas – o que é surpreendente, à vista do desempenho da tropa brasileira em ambos os quesitos nos eventos de 26-28 de abril de 1945.

Conclusão

A pesquisa dos acervos nacionais estadunidenses ainda tem muito a acrescentar ao conhecimento da história da Força Expedicionária Brasileira e suas unidades. Em particular, os acervos do IV Corpo de Exército, do V Exército e do Teatro de Operações do Mediterrâneo ainda estão por serem adequadamente pesquisados e interpretados. Os documentos aqui examinados, pertencentes ao acervo documental do IV Corpo de Exército, pretendem ser uma contribuição para esse esforço.

Formalmente todos esses órgãos se submetiam ou à autoridade do Chefe do Estado Maior do Exército dos EUA, o Chief of Staff (CS) do United States Army (USA) do Departamento de Guerra estadunidense, ou ao War Department (WD). As instâncias superiores de comando como o General Staff ou o CS/USA tem atraído com mais frequência a atenção dos pesquisadores. Contudo, é importante notar que também existe um substancial acervo de fontes históricas legado pelas organizações militares estadunidenses que atuavam diretamente com a Força Expedicionária Brasileira, também depositado nesses acervos, que ainda está por ser esgotado.

No que se refere especificamente às fontes aqui examinadas pode-se fazer diversas constatações. Por um lado, elas confirmam diversos consensos na historiografia. Dentre estes

pode-se citar: a predominância da atuação “desmontada” em relação a modalidade “montada” dos esquadrões de reconhecimento e as implicações daí decorrentes; os limites e possibilidades tecnológicas intrínsecos ao carro blindado M8; a natureza instável da composição da unidade, sempre desafiada a assumir diferentes países e frequentemente carente de mais efetivos de pessoal. Mais ainda, tais fontes se constituem em um útil repositório de informações sobre o ER, num contexto de imediato pós-guerra.

Por outro, a fonte coloca diversas questões. Destas a mais intrigante é a defesa do retorno da cavalaria hipomóvel. Seria importante investigar se tal sugestão foi levada a sério e, em caso afirmativo, a que providências teria levado. Outro aspecto a ser investigado é se teria havido alguma terminalidade política não-assumida do relatório. Pode-se colocar como hipótese a conexão da investigação que ele descreve com a pretensão estadunidense de preservar a FEB como uma unidade do EB no pós-guerra e/ou se convidar a FEB a tomar parte como tropa de ocupação na Áustria.

Referências

BONALUME NETO, Ricardo. *A nossa segunda guerra: os brasileiros em combate, 1942-45*. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1995.

_____, & MAXIMIANO, Cesar Campiani. *Brazilian Expeditionary Force in World War Two*. London, Osprey, 2011.

BOTJER, George. *Sideshow War: the Italian campaign 1943-1945*. Texas, A & M University Press.

BOUCSEIN, Heinrich. *Bombardeiros, Caças, Guerrilheiros: final furioso na Itália*. Rio de Janeiro, Bibliex, 416p.

BRASIL, Ministério da Guerra, *Relatório das principais atividades do Ministério da Guerra durante o ano de 1944*. Rio de Janeiro, Imprensa Militar, 1945

CASTELLO BRANCO, Manoel Thomaz. *O Brasil na II Grande Guerra*. Rio de Janeiro, Bibliex, 1960.

D'ÁVILA, Sólton Rodrigues. Depoimento. In: MOTTA, Aricildes de Moraes Motta (org.) *História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro, 2001. Tomo Sete. Pp. 21-38.

DONALDSON JR., T. Q. *Final Report of Colonel T. Q. Donaldson Jr. Cavalry*, President, Cavalry and Armored Member, Army Ground Forces Board, MTOUSA. 05/09/1945. NARA II, Maryland, EUA. RG 337 (HQ Army Ground Forces), General Staff, G-2 Section, Intelligence Reports, Numerical File, 1943-46, Folders 561-590, Box 74. Disponível em https://drive.google.com/drive/folders/1zema4M6rqNoLYR_2GvimecAawR7rdUxe?usp=sharing Acessado em 31/08/2025.

_____, *Reconnaissance Troop, 1st Infantry Division, Brazilian Expeditionary Force*. 27/05/1945. NARA II, Maryland, EUA. RG 337 (HQ Army Ground Forces), General Staff, G-2 Section, Intelligence Reports, Numerical File, 1943-46, Folders 541-560, Box 73 Disponível em https://drive.google.com/drive/folders/1zema4M6rqNoLYR_2GvimecAawR7rdUxe?usp=sharing Acessado em 31/08/2025.

MANUAL de Serviço em Campanha da Cavalaria: para os graduados e seus instrutores montados e motorizados. Sem local, Companhia Editora Americana SA, 1941

OLIVEIRA, Dennison de. *Extermine o Inimigo: blindados brasileiros na Segunda Guerra Mundial*. Curitiba, Juruá Editora, 2015.

OS BRASILEIROS ENTRAM EM AÇÃO (Documentário). Coleção O Brasil na Guerra. Sem editora, Rio de Janeiro, 1944.

PAULA, Éverton Ibarr de. *A Evolução da Cavalaria Mecanizada Brasileira após a Segunda Guerra Mundial*. Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em História Militar, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em História Militar. Sem local, sem data.

PITALUGA, Plínio. *Relatório do 1º Esquadrão de Reconhecimento*. 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária. Ministério da Guerra, Rio de Janeiro, 1947. 75 pg.

_____, Depoimento. In: MOTTA, Aricildes de Moraes Motta (org.) *História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro, 2001. Tomo Um. Pp. 141-156.

QUEIROZ, Carlos Eduardo Gomes de. “Manobra Collecchio-Fornovo di Taro: a infantaria motorizada e a evolução da arte da guerra”. *Revista Bellum*, Rio de Janeiro, v2, no. 1, primeiro semestre 2025, pp. 77-110

QUINTINO, Danilo Tenório. *O 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado da Força Expedicionária Brasileira e sua Importância durante a Ofensiva da Primavera*. Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Militares. 2020.

SAVIAN, Elonir José. *Haverá sempre uma cavalaria: tradição e modernização no processo de evolução tecnológica do Exército Brasileiro*. Resende, RJ: Edição do Autor, 2014.

STARR, Chester G. *From Salerno to the Alps: a history of the fifth army (1943-45)*. Washington, Infantry Journal Press, 1948.

ZALOGA, Steven J. *M8 Greyhound Light armored car*, London, Osprey, 2001.